

Inquérito: Como fixar investigadores em Portugal

O Presidente da República declarou na cerimónia de inauguração da Unidade de Sólidos, Líquidos e Pastosos da Labesfal (Julho, Campo de Besteiros) que “temos de ter uma acrescida capacidade científica e tecnológica. É absolutamente decisivo que se criem condições para a fixação de investigadores” e ainda que “há uma enorme falta de cientistas em todo o mundo e começa a haver em toda a Europa”. Referindo-se a Portugal, disse que “hoje há condições melhores do que há vinte ou dez anos para fixar pessoas e fazer investigação”.

A este respeito, a Gazeta de Matemática foi ouvir a opinião de alguns professores e investigadores em Portugal, a quem colocou as seguintes questões.

Questão 1: *Acha importante a fixação de investigadores e acha que hoje temos mais condições do que há 20 ou 10 anos, em especial na Matemática?*

Questão 2: *Como é que se explica que muitos imigrantes, sobretudo do leste, com habilitações científicas elevadas não sejam aproveitados de acordo com elas, sendo-lhes, pelo contrário, oferecidos empregos como trolhas ou empregadas domésticas? A situação de muitos jovens licenciados portugueses é idêntica, não arranjam emprego que tenha a ver com as suas habilitações!*

Questão 3: *O Ministério da Ciência já se manifestou interessado em fixar investigadores, oferecendo condições especiais a quem já tenha mais de 100 artigos (vulgo, papers). Qual é a sua opinião, em particular no que se refere ao critério dos 100 artigos?*

Questão 4: *Outros assuntos na berra: a declaração de Bolonha e o conceito de Universidade Politécnica. Em poucas palavras que pensa de Bolonha?*

Questão 5: *E das Universidades Politécnicas?*

As respostas obtidas são apresentadas a seguir, por ordem alfabética dos nomes dos seus autores.

Carlos Braumann
Universidade de Évora

Questão 1: Obviamente que é importante fixar os investigadores mais capazes se queremos o desenvolvimento da ciência e o progresso da sociedade. Infelizmente, a capacidade de fixar jovens investigadores em Matemática está muito erodida comparativamente com o que sucedia há uma ou duas décadas. A principal oferta de emprego era a carreira académica, onde havia carência de docentes. Esses lugares foram sendo ocupados e a retracção do número de estudantes não permite a abertura de novos lugares. A investigação aplicada no sector privado, embora indispensável ao nosso desenvolvimento, é ainda muito incipiente em Portugal. Há que incentivar o seu desenvolvimento e construir alternativas se não queremos desperdiçar os novos valores. Os “post-docs” são uma solução útil, mas temporária.

Questão 2: No caso dos imigrantes, é triste ver que as suas capacidades estão a ser tão mal aproveitadas, quando porventura fazem muita falta no seu país de origem, onde, porém, são muito mal remuneradas. Claro que poderíamos nós aproveitar essas capacidades. E não são obstáculos linguísticos e outros, facilmente ultrapassáveis, que o impedem, como provam vários casos de sucesso (como sucede, por exemplo, no meu Departamento). A maior dificuldade é a que resulta da minha resposta anterior. A situação dos jovens licenciados que não arranjam colocação compatível é um problema do desenvolvimento e do

alargamento do acesso ao ensino superior, sem que estivesse disponível oferta de formação adequada para técnicos intermédios. Nunca é totalmente resolúvel mas o caminho passa por essa oferta e por uma modernização da capacidade produtiva do País que produza empregos exigindo elevada qualificação académica. Também o desastre da Matemática no ensino básico e secundário, de que a sociedade e os seus políticos são responsáveis, levou a juventude a fugir das áreas tecnológicas para áreas onde há pouca oferta de emprego.

Questão 3: Claro que a fixação de mais investigadores de renome iria ter um efeito altamente positivo no desenvolvimento científico, mas seria importante também dar boas condições de trabalho aos investigadores de renome ou com elevado potencial que já cá estão. A não ser que a política seja forçá-los a sair para países onde disponham dessas condições para depois poderem voltar ao abrigo desse novo programa. Quanto ao critério dos 100 artigos, pergunto quantos investigadores de renome em Matemática satisfazem esse critério? Ou será que vamos ter um programa de fixação atractivo para um conjunto vazio (ou quase)? E será esse programa suficientemente atractivo? Quantos investigadores de topo quererão trocar uma boa posição por um contrato temporário, como parece ser o que o programa oferece?

Questão 4: Em poucas palavras, sou a favor. Sou a favor da comunicabilidade dos programas de estudo, sou a favor de se reforçar o paradigma da aprendizagem num sistema que tem estado demasiado centrado no ensino. Já concordo menos com algumas leituras abusivas do processo, como a pseudo-uniformização que se propugna. Será muito difícil atingir com 3 anos no primeiro ciclo um nível final à saída equivalente ao de outros países que não deixaram apodrecer (pelo menos tanto como nós) o ensino básico e secundário (alguns deles até têm 13 e não 12 anos de escolaridade pré-universitária). Na maioria dos casos, uma adequada inserção no mercado de trabalho vai exigir mesmo um segundo ciclo, que ficará reservado aos financeiramente dotados. Com efeito, o Estado só parece querer subsidiar, com raras excepções, a formação de um primeiro ciclo reduzido a 3 anos.

Questão 5: O País já tem Universidades suficientes para a sua dimensão. Criar mais Universidades seria absurdo. Justifica-se antes melhorar as que existem e criar ligações

entre elas e os Institutos Politécnicos. E melhorar também o ensino politécnico, que deve assumir-se como tal (o que muito raramente fez), colmatando assim uma grave lacuna do nosso sistema de ensino. Tantos recursos se esbanjaram com políticas que só serviram para a degradação dos ensinos básico e secundário. Não façamos o mesmo no ensino superior para satisfazer os “lóbis” políticos e autárquicos que querem uma Universidade em cada esquina. Não esbanjemos os poucos recursos disponíveis para construir um sistema caracterizado pela ausência de um verdadeiro ensino politécnico e pela proliferação monstruosa de instituições de ensino pseudo-universitário de qualidade quase uniformemente medíocre.

Gabriela Schütz
Escola Superior de Tecnologia de Faro
Universidade do Algarve

Questão 1: Acho importante e penso que a reimplantação da carreira de investigador com condições adequadas e estabilidade facilitaria a fixação de investigadores. Suponho que actualmente existem mais condições a nível do acesso à informação e do maior número de instituições onde se produz alguma investigação.

Questão 2: Esta situação reflecte uma realidade actual e comum a outros países, que se deve principalmente às opções estratégicas dos decisores políticos e económicos.

Questão 3: Para além de quantidade não ser sinónimo de qualidade, as “condições especiais” são bastante irrealistas e seriam aplicáveis apenas a individualidades com carreira estável e consolidada, o que não se coaduna com uma perspectiva de desenvolvimento e rentabilização do investimento já realizado na formação (Praxis, Prodep, etc.).

Questão 4: Embora ainda seja prematuro comentar a aplicação da declaração de Bolonha a Portugal, parece-me que a convergência do Ensino Superior no âmbito Europeu será sempre vantajosa.

Questão 5: O investimento em formação tem proporcionado o surgimento de uma massa crítica consistente no ensino politécnico, pelo que julgo estar em curso a consolidação da afirmação deste tipo de Instituições.

Luís Merca
Instituto Politécnico de Tomar

Questão 1: Acho que é fundamental a capacidade de se fixar investigadores em Portugal não só na área da Matemática mas também nas outras áreas do saber. Duvido é que, com o estado actual das coisas, se consiga fazê-lo. Em relação a termos mais condições, para os investigadores, do que há 20 ou 10 anos atrás, é uma realidade. O desenvolvimento que houve nos últimos anos permite, hoje em dia, uma série de facilidades para os investigadores como por exemplo a evolução dos computadores. No entanto acho que falta da parte dos nossos governantes um apoio efectivo quer para a investigação quer para o ensino da Matemática. Aliás, este é um problema que vem existindo ao longo de muitos anos e tem atravessado vários governos.

Questão 2: Os nossos empresários têm de começar a ter outra mentalidade para poderem dar respostas à concorrência da globalização. Teremos de apostar na mão-de-obra qualificada independentemente das pessoas serem imigrantes ou não. No caso dos imigrantes com habilitações científicas elevadas, Portugal só tem a ganhar visto que nem foi necessário investimento para a sua formação. Por outro lado, deveríamos valorizar a formação profissional ao nível do secundário diminuindo desta forma o abandono escolar e preparando muitos jovens para o mercado de trabalho. A não existência de uma política de educação para o nosso país é também um factor que contribui para que haja muitos jovens licenciados portugueses sem emprego. Veja-se o exemplo dos professores. Já se sabia que a população estudantil em Portugal iria diminuir e no entanto as escolas superiores de educação continuaram a formar cada vez mais professores (que forçosamente vão para o desemprego).

Questão 3: Não concordo com o critério. Em primeiro lugar gostaria de perguntar porquê 100 artigos e não outro valor? Depois não deve haver muitos investigadores que verifiquem esse critério e estejam disponíveis para vir para Portugal. Acho que não passa de uma medida política sem consequência prática. Se o objectivo desta medida era realmente melhorar a investigação feita em Portugal, tenho a certeza que se se canalizasse esse esforço, por exemplo, para jovens investigadores, teríamos melhores resultados.

Questão 4: A ideia é interessante no entanto tem um grande risco que é o de nivelar o ensino superior por baixo. Não nos podemos esquecer que o MCIES já afirmou que à partida só estará garantido o financiamento para o primeiro ciclo (bacharelato).

Questão 5: Acho que alterar o nome de Institutos Politécnicos para Universidades Politécnicas não vai resolver nada. Esta alteração não vai resolver o problemas do ensino superior politécnico ser visto, por alguns sectores da nossa sociedade, como um ensino de segunda. Seria muito mais importante que houvesse uma reorganização de todo o ensino superior em Portugal e, para os Institutos que tivessem condições ser permitido atribuir o grau de Mestre ou Doutor.

Maria da Graça Marques
Universidade do Algarve

Questão 1: Parece-me que é claro que é importante a presença de investigadores e também me parece claro que hoje há mais condições - grupos de investigação organizados, maior acesso a informação, etc.

Questão 2: Em muitos casos há um problema administrativo grave de reconhecimento das habilitações científicas, pois tudo passa pela obtenção de equivalência a graus adquiridos nos países de origem e esses processos são difíceis, caros e morosos. É difícil, senão impossível, obter um emprego de índole científica sem um diploma reconhecido em Portugal. Quanto aos jovens licenciados portugueses parece-me haver um problema muito mais geral no planeamento estratégico das necessidades do país em termos da formação dos seus licenciados.

Questão 3: Não me parece que qualidade = número de papers....

Questão 4: Tem-se falado muito e debatido pouco sobre bases concretas. Prefiro não me pronunciar até ver no que vai dar a aplicação em Portugal.

Questão 5: O que é isso? Será só mudar o nome dos Politécnicos, sem mudar mais nada (para esbater os complexos de algumas pessoas)? Será que é criar algo de verdadeiramente novo, usando eventualmente algo que já existe? Será que é fazer universidades de primeira e segunda, como já aconteceu noutros sítios?